

Nosso pedaço de chão: ligeiro relato da história de Campos dos Goytacazes

Sylvia Paes¹
Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima²

Resumo

Este texto nasceu do Seminário Virtual sobre Educação Museal e Arquivo em Campos dos Goytacazes, em setembro de 2020, com apoio da FAPERJ. A partir de reflexões sobre a Cidade de Campos e sua história e memória, partimos para várias vertentes do conhecimento interdisciplinar e deparamos com a necessidade de falar e mostrar como a Cidade nasceu enquanto concepção histórica e desperta na memória de seus habitantes, importantes representações de suas identidades. Para tanto, o texto apresenta um relato da formação de Campos dos Goytacazes, os olhares dos cronistas e historiadores da cidade, regado de memória e afetividade das paisagens tão representativas de seus espaços, coadunando com a ideia de que a educação museal passa primeiro pela preservação dos sentidos, antes das pedras serem colocadas.

Palavra-chave: Campos dos Goytacazes; História; Cidade.

Abstract

This text was born from the Virtual Seminar on Museal and Archive Education in Campos dos Goytacazes, in September 2020, with support from FAPERJ. Based on reflections on the City of Campos and its history and memory, we went to various aspects of interdisciplinary knowledge and faced the need to speak and show how the City was born as a historical conception and awakens in the memory of its inhabitants, important representations of their identities. To this end, the text presents an account of the formation of Campos dos Goytacazes, the eyes of the city's chroniclers and historians, showered with memory and affection of the landscapes that are so representative of their spaces, in line with the idea that museum education first involves preservation of the senses, before the stones are placed.

Keywords: Campos dos Goytacazes; History; City.

¹ Historiadora e pesquisadora do CNPq junto a Oficina de Estudos do Patrimônio e Cultura/UENF/UA.
E-mail: sylviampaes@gmail.com

² Pesquisadora Colaboradora do PPG em Cognição e Linguagem/UENF.

Primeiros Habitantes

Nossa história pode começar a ser contada pelos traços deixados pelos primeiros habitantes, os indígenas da nação Goitacá, falantes da língua macro-jê. Apesar de pouco sabermos sobre eles é certo que eram fortes e valentes defensores de seu território.

O olhar dos viajantes e cronistas que por aqui passaram e tiveram um contato com o povo natural, chegou até nós através de seus relatos, e, mesmo que superficiais, foram eles que nos apresentaram a esses grupos, desde o século XVI. O olhar de cada um difere de acordo com a própria natureza da sua viagem ou de suas formações e convicções. Entre eles destacamos o francês Jean de Lery, que aqui esteve em 1557. Ele conviveu com os Tupinambás no Rio de Janeiro, mas esteve viajando pela Capitania de São Tomé e em sua obra ele relata, entre muitas coisas, que em suas músicas, os Tupinambás ameaçavam os Goitacás dizendo que os devorariam, mas estes sendo tão valentes conseguiram atacá-los significativamente, por serem bravos guerreiros.

O português Gabriel Soares de Souza, que depois virou fazendeiro e ficou pelo Brasil, relata que os Goitacás falavam uma língua diferente, que eram guerreiros cruéis e canibais e que estavam em constantes brigas com os Tamoios e os Papanases.

Andavam no mar nadando, esperando os tubarões com um pau muito agudo na mão, e, remetendo o tubarão a eles, lhes davam com o pau, que lhe metiam pela garganta com tanta força, que o afogavam, e o traziam a terra, não para o comerem... senão para lhes tirar os dentes para os engastarem na ponta das flecha. (SOUZA, 2008, p. 128/129)

O frei Simão de Vasconcelos esteve por aqui por volta de 1594 e relata que nossos indígenas viviam “nas águas de grandes lagoas” de que dominavam seus campos. Eram ferozes guerreiros gigantes, muito bons arqueiros. Seus relatos corroboravam com a de Gabriel Soares de Souza quanto ao canibalismo praticado entre eles.

Viviam nas águas igual a crocodilos e por isso recebeu o nome goitacás.

Era esta sorte de gente a mais feroz e desumana, que havia por toda aquela costa; em corpos que eram agigantados, de grandes forças, destros em arco, inimigos de todas miravam porém já aos nossos estes pertentos por costucujos ossos faziam grandes montes em seus terreiros; e era este o mor brasão de seus feitos heróicos, as muitas ossadas do que matavam e comiam em guerra, assombro perpetuo daquela região. (SOUZA, 2008, p. 128/129)

O pirata Anthony Knivet (1625) confirmou a bravura dos goitacás, homens mais altos que os Aimorés, cabelos compridos, dizendo que em caso de guerra preferiam morrer a serem desonrados. Eram escravizados pelos Corrêa de Sá. Relata também que mulheres vão a guerra com os homens, com arcos e flechas (p.178 e 179).

Frei Vicente do Salvador apesar de não ter estado junto dos goitacás, ele ouviu tudo isso como “coisas que se contam deste gentio” e relatou que tinham arcos e flechas mortíferas (peçonhentas) e que como bons guerreiros em batalha, se mantinham dentro das lagoas em peculiar habilidade, onde não é possível acompanhá-los nem a pé, nem a cavalo, (p.107).

O mais interessante é o olhar que podemos dar hoje sobre tais relatos e entender que eles chamam de tubarão um peixe comum em nossa região, da mesma família, que é a raia. Quanto ao canibalismo sabemos hoje que era uma pratica recorrente nos grupos indígenas do litoral brasileiro. Contudo todos descrevem bem a paisagem encharcada da nossa planície.

A Paisagem

Estamos assentados em um território sob o domínio das águas cujo soberano é o rio Paraíba do Sul. Nossa paisagem tem o predomínio da planície costeira, cercada por restingas e manguezais.

Figura 1: Entardecer em Campos dos Goytacazes



Fonte: Acervo do fotógrafo Júlio Mota

É Alberto Ribeiro Lamego em “O Homem e a Restinga” que vai explicar a nossa formação geológica.

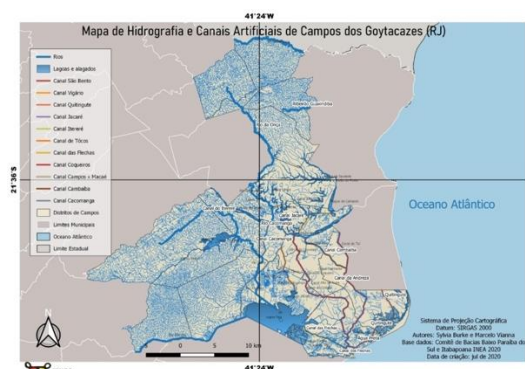
Passa-se inesperadamente da planura argilosa a rasa imensidão de areias da lavoura ao campo e ao cerrado, da colmeia açucareira, fervilhante, a espaçosas solidões desérticas. [...] Para a frente a terra nua e quase virgem. Ondulantes de altibaixos paralelos a linha costeira, imensas filas de restingas monotonamente se desdobram. Simulam o próprio mar que terra a dentro continua. O oceano a vier em sucessivas linhas de vagas solidificadas em areias. (LAMEGO, 1974, p.25)

O rio, em seu incansável caminhar, trouxe matéria orgânica de sua nascente na Serra da Bocaina/SP e ao longo de milhares de anos, as depositou nas partes mais profundas do mar. Junto com essa matéria orgânica, vinham também sedimentos que transportados pelo rio se acumularam nas áreas rasas do mar e depois de milhares e milhares de anos deram origem a essas terras propícias ao plantio da cana e que são também de boa qualidade para a utilização na indústria ceramista.

Sobressaem na paisagem as Lagoas de Cima e Feia, interligadas por cordão umbilical que é o rio Ururaí e cujas águas acabariam derramadas no mar se não fosse a barragem construída pelos homens junto a faixa costeira na Praia do Farol.

Sobre esse chão, o homem daqui primeiro desenvolveu a pecuária, mais própria aos alagados, que lhes rendeu pequenas fortunas, a poupança que necessitariam para iniciarem as lavouras de cana de açúcar, desde os fins do século XVIII até meados do século XX, passando pelos estágios de engenhoca, engenho e usina.

Figura 2: Hidrografia e canais artificiais do município. Base de dados: Comitê de Bacias do Baixo Paraíba do Sul e Itabapoana/INEA 2000



Primeiras Tentativas de Ocupação

Pero de Góis da Silveira foi o fidalgo português que recebeu da coroa a capitania de São Tomé e aqui chegou em 1530. Seu legado ocupava a área desde o rio Macaé até ao rio Itabapoana, do mar até a linha imaginária do Tratado de Tordesilhas.

Foi em uma pequena elevação junto ao mar e próximo à foz do rio Itabapoana que instalou a Vila da Rainha, hoje em terras do município de São Francisco de Itabapoana. Contudo essa pequena povoação não foi a frente, apesar de ter um engenho, gado e ser guardada por paliçada, ela não resistiu aos ataques indígenas. Essa foi a primeira tentativa de ocupação com o desenvolvimento de atividades econômico capitalistas.

Vários memorialistas relatam sobre a Vila da Rainha, sua localização exata, sua atividade econômica, e têm por base as cartas que foram trocadas entre o donatário e o rei de Portugal, Dom João III, o Piedoso. Entre esses memorialistas estão Alberto Lamego, Augusto de Carvalho, Manoel Martins do Couto Reys, Júlio Feydit, entre outros.

no lugar chamado o campo, entre a ponte de manguinhos e o rio Itabapoana, perto da ponta do Retiro se acharam vestígios da antiga povoação, e em um cômodo umas mós, o que fez com que tendo Pero de Góes ali levantado uma engenhoca e uma capela dedicada a Santa Catarina, que ficaram depois abandonadas, se desse ao lugar o nome de Santa Catarina das Mós. (FEYDIT, 1979, p.30 apud Paes e Werneck)

Fernando José Martins supôs que o donatário viveu poucos anos em paz com os índios, “apenas lhes deram tempo para edificar uma engenhoca, algumas casas para os de sua comitiva e uma capela, que institui freguesia, dedicada a Santa Catarina”. Quanto à agricultura, restringir-se-ia “a bem pouco espaço em derredor da povoação.” O autor, apoiado em frágil argumentação e nenhuma documentação, conjecturou, finalmente, que Gil de Góes sucedera Pero de Góes no comando da Vila (e da capitania), até abandoná-la pelo assédio crescente dos índios, por volta de 1622.

A Ocupação Exitosa – os novos donatários

Por volta de 1627, parte das terras entre os rios Macaé e Iguassú ou Itabapoana, foram doadas aos Sete Capitães, que a partir de 1634 as partilharam entre si e se dedicaram somente a criação de gado abastecendo o mercado do Rio de Janeiro e região das minas. Com o gado chegava ao Rio, a notícia da fertilidade dos campos dos índios Goitacá.

O general Salvador de Sá e Benevides, então governador do Rio de Janeiro tendo voltado vitorioso de Angola em 1647, soube da fertilidade das terras dos campos dos Goitacá.

Mas somente em 1652 é que o general, que já possuía cinco engenhos no Rio de Janeiro, mandou construir um por aqui, em local onde existe ainda hoje a fazenda do Visconde (Donana-Goitacazes). O Engenho do Visconde era simples, com moendas de madeira e tração animal. Em 1653 já possuía na região cinco engenhos, embora houvesse vinculado ao seu morgado 50 currais com 8 mil cabeças de gado.

Em 1652 já havia em Campos uns 70 “vizinhos”, igreja, criação de gado e engenho. Por essa razão solicitaram os moradores ao ouvidor do Rio de Janeiro, a elevação do povoado à vila, ambição abortada pelos novos donatários. Mesmo assim foi realizada uma eleição e logo uma sessão onde repartiram o terreno com os moradores e demarcaram ruas próximas à igreja³.

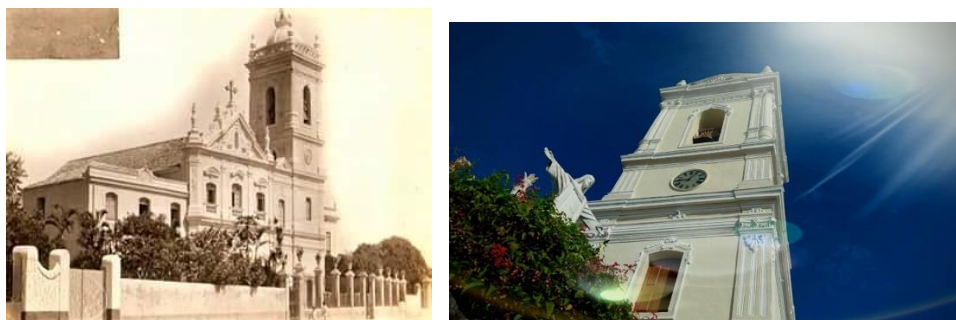
³ Onde hoje se localiza a Igreja de São Francisco, rua Treze de Maio.

Em 1674 Salvador Corrêa solicitou e conseguiu para seus dois filhos, Martim Afonso Corrêa de Sá - o 1º Visconde de Asseca - e João Corrêa de Sá, a doação das terras da capitania de São Tomé, também conhecida como Paraíba do Sul. Somente então, obedecendo às determinações da carta de doação, elevou o povoado, agora com 150 “vizinhos”, à Vila de San Salvador dos Campos (1677); instituiu o Senado da Câmara, ergueu pelourinho (marco de poder instituído) e construiu nova igreja⁴ no outeiro sagrado dos indígenas, que foram expulsos para outras terras.

A dinastia dos Assecas se iniciou pautada na pecuária e depois na agroindústria canavieira, ambos para suprir as necessidades do mercado interno, principalmente à região das minas gerais, uma vez que Portugal, por essa época havia perdido a maior parte do mercado europeu com a concorrência do açúcar antilhano.

Com a pecuária, tendo no cavalo um aliado no campo, o homem cria toda uma cultura a ele associada da qual podemos cuidar hoje: a sela, a espora e o laço campista, as festas de laço, as cavalgadas, corridas de cancha reta e a Cavalhada.

Figuras 3 e 4: Igreja São Francisco



3- Fonte: Acervo da autora e 4- Fonte: Foto de Júlio Mota

⁴ Onde hoje se encontra a Basílica Menor do Santíssimo Salvador.

A Cana de Açúcar e os Novos Tempos

Segundo Boris Fausto (1995:78 apud Paes, 2018) a produção de cana para açúcar no Rio de Janeiro, especialmente na região de Campos dos Goytacazes, teve expressão após o século XVIII, até então, a cachaça foi o principal produto, utilizado como moeda de troca no comércio de escravos com Angola.

A economia açucareira mudou a paisagem, drenou alagados com a abertura de canais, construiu solares coloniais no campo e sobrados ecléticos na cidade; criou o senhor de engenho e os barões do açúcar. Também nos legou o gosto gostoso dos doces de tradição portuguesa como o chuveisco, nossa referência maior.

Obedecendo a orientações do governo regencial, chegou a Campos dos Goytacazes em 1840, o engenheiro Amélio Pralon, contratado pela Câmara local, por determinação do governo provincial, para realizar obras de melhoria na cidade. A recente cidade e próspera produtora de açúcar precisava de melhoramentos para atrair novos investidores.

Com Pralon a cidade ganhou caminhos traçados com régua e compasso. Apesar dos sucessivos melhoramentos nos transportes (bonde de tração animal - 1875 e canal Campos-Macaé - 1873), de engenharia (ponte “Municipal” - 1880), de serviços (luz elétrica - 1883), infraestrutura (água e esgoto - 1888) e administrativo (Código de Posturas de 1896 que dispõe sobre habitações populares) a cidade continuava plantada sobre território pantanoso e insalubre.

Um Plano de saneamento se fez urgente. A Câmara Municipal contratou, em 1902, o sanitarista Saturnino de Brito. A modernização impôs um novo mercado, um matadouro modelo, extensão da rede de água e esgoto, calçamento e alargamento de ruas e aterro da Lagoa do Osório ou Furtado, na área central da cidade.

O rápido crescimento populacional e a verticalização inicial da cidade levou a Prefeitura Municipal a contratar em 1944, o escritório do engenheiro Coimbra Bueno para traçar um novo plano urbanístico. Desta equipe fez parte o urbanista francês Alfred Agache, que já elaborava um projeto para o Rio de Janeiro à época.

O Plano Urbanístico de Coimbra Bueno visava a “corrigir os erros” dos anteriores, embelezamento e conseqüente valorização das áreas centrais orientando

a expansão da cidade integrando os bairros periféricos. Na verdade, pouca coisa do plano proposto por Bueno saiu do papel e se concretizou.

Contudo, a produção açucareira que se iniciou em fins do século XVIII entrou em decadência por volta dos anos de 1940. Nem mesmo a criação de programas como o Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA, 1933) e o Proálcool (1970) conseguiram amparar e sustentar as perdas contabilizadas. Assim algumas usinas foram vendidas para grupos paulistas, outras abandonadas e decretada a falência, com o abandono da empresa e das terras, como a Usina Baixa Grande e outros sucessivos fechamentos.

Com a queda da atividade sucroalcooleira foi a vez do desenvolvimento da indústria de vestuário e de cerâmica, que ocuparam um valioso espaço econômico anterior a exploração de petróleo em águas profundas. O poço pioneiro da Bacia de Campos foi perfurado em 1976, a uma lâmina d'água de 100 metros, no que viria a ser o Campo de Garoupa. Mas a exploração comercial iniciou em 1977 com o Campo de Enchova. As primeiras plataformas utilizadas eram do tipo fixa, com jaquetas fixadas no fundo do mar. Na medida em que a exploração alcançou lâminas d'água mais profundas, foram desenvolvidos outros conceitos de unidades de produção flutuantes.

A cidade experimentou uma verticalização rápida e os planos anteriores não mais se mostravam aptos a resolver os novos problemas. A partir dos anos 80, com a falência de muitas usinas, a cidade começa a se deparar com um novo problema, o da favelização.

No início deste século, um novo projeto urbanístico foi proposto, o “Cidade Qualidade” do escritório Sérgio Dias do Rio de Janeiro. Este projeto teve a preocupação de melhorar os aspectos funcionais da cidade, bem como a oferta de lazer à população, contudo somente duas plantas foram executadas.

As marcas culturais desse momento são bem mais as dificuldades de cuidar de um patrimônio valioso na ânsia e ganância da construção do novo.

A cidade é em si um museu a céu aberto, que nada esconde, mas também não se revela a incultos ou aos não curiosos.

Finalizando: nossos espaços de memória

Na década de 1960 foi criado aqui em Campo dos Goytacazes o Museu Benta Pereira, com acervo particular de seu fundador, Nilo Arêas e que funcionava em sua residência. Este também foi o fundador do Instituto Histórico de Campos. Com o falecimento deste pioneiro nada frutificou.

Na década de 1990 foi dado início ao projeto de um novo museu para nosso município. Começou a ser desenhado sem um museólogo, mas com uma equipe de professores estudiosos, dedicados e interessados em fazer o melhor. O prédio escolhido foi o antigo Solar do Visconde de Araruama na praça do SS. Salvador, antiga Câmara Municipal e Secretaria de Fazenda que acabara de se mudar para outro endereço. Lá ficou até 2003 quando foi para o Palácio da Cultura por força de mandato da Defesa Civil.

Em 2006 foi inaugurado o Museu Olavo Cardoso, localizado à Rua Sete de Setembro, ocupando a antiga residência do conhecido usineiro e filantropo campista, Olavo Cardoso que a deixou em testamento para que a municipalidade instalasse lá um museu. Para tanto, peças foram adquiridas, outras doadas, foi organizado um circuito permanente e outros temporários na tarefa da educação informal, além de ações socioculturais, atendendo ao público entre os anos de 2006 e 2012, quando foi inaugurado o Museu Histórico de Campos dos Goytacazes e selada a morte do MOC.

Temos também o Museu Barbosa Guerra, particular, com objetos interessantes, mas guardados, longe do olhar do público.

Desde os anos sessenta temos falado e discutido muito sobre museus em nossa cidade, falamos em museu do açúcar, do folclore, do petróleo. Falamos também em um museu das artes no Solar dos Airizes e outro dos povos da resistência (indígenas e negros) no Solar da Baronesa, mas o fato é que nem o museu que temos, nem o nosso arquivo público são tratados de modo adequado, e se constitui em perigo pensarmos em outros se não cuidamos do que temos.

Inoportuno e irresponsável é pensarmos em preservar prédios históricos instalando neles museus sem estrutura, segurança e equipe adequada.

Um espaço museal não é mais um simples espaço de exposições de coleções particulares. Esses espaços são dispendiosos, exigindo uma equipe de profissionais

treinados para exercer a finalidade de pesquisadores, mediadores educacionais, restauradores, guardas, entre outras tantas funções de acordo com as necessidades.

O Cemitério do Caju, por exemplo, é um espaço museal, um museu a céu aberto, onde podemos não apenas refletir, mas tocar nas peças expostas, comparar, analisar seus cheios e vazios. Falar sobre arte, antropologia, direito, história, geografia, sociologia, biologia, medicina e qualquer outra coisa porque nele há vida, a nossa vida, a vida e a história de nós todos. O Cemitério é atribuição da CODEMCA - Companhia de Desenvolvimento do Município de Campos dos Goytacazes e das irmandades: Beneficência Portuguesa, São Francisco, Nossa Senhora do Monte Carmelo, São Miguel e Almas, Boa Morte, Santa Efigênia, São Benedito, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Terço.

A história do homem está associada a história do seu lugar, a memória construída pelas gerações que transformaram o ambiente natural em cultural. Essa é a nossa história para os campos dos Goitacás, transformado campos alagados em agricultáveis, transformando a Vila em próspera cidade, construindo legados para as próximas gerações.

Referências

CUNHA, Marcio Wernek da e Paes Sylvia Márcia. *Sítio Arqueológico Villa da Rainha de São Francisco Do Itabapoana/RJ*. Inédito. 2019.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP/1995.

KNIVET, Anthony. *As Incríveis Aventuras e Estranhos Infortúnios de Anthony Knivet*. São Paulo: Zahar, 2008.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Restinga*. Rio de Janeiro: Lidador, 1974.

LERY, Jean de. *Viagem a Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1961.

PAES, Sylvia Marcia. *A Capitania de São Tomé ou Paraíba do Sul - os novos donatários*. Para o Instituto Histórico e Geográfico de Campos dos Goytacazes. Inédito. 2018.

SALVADOR, Frei Vicente do. *História do Brasil, 1500-1627*. Volume 49 de Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982.

SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

VASCONCELOS, Simão de. *A Vida do venerável padre José de Anchieta*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943.